

A cada hora duas mulheres são agredidas

ELENILCE BOTTARI

Pelo menos duas mulheres são espancadas a cada hora no Rio. Os registros de violência contra o chamado sexo frágil não param por aí. De janeiro a setembro, além dos 12.740 casos de lesões corporais, a Secretaria de Polícia Civil registrou 4.851 ameaças, 362 estupros e 348 homicídios dolosos em que as vítimas foram mulheres. A chegada do Natal também não será nenhum motivo de alegria: estatisticamente, as delegacias de mulheres confirmam para o mês de dezembro o aumento dos casos de espancamento.

— Em dezembro, há muitas festas de fim de ano. Os homens bebem mais e agredem suas companheiras — conta a delegada Argélia Ruiz, titular da Delegacia Especial de Atendimento à Mulher (Deam) do Centro.

Segundo ela, nos últimos meses vem aumentando o número de ocorrências. Só na Deam-Centro, foram registradas no mês de novembro 199 ocorrências, contra 171 registradas em outubro. Entre as vítimas, estão mulheres com braços quebrados, hematomas ou queimaduras. O quadro

é desolador: em mais de 90 por cento dos casos, elas já haviam sido agredidas pelo companheiro.

Segundo a Diretora Geral de Polícia Especializada (DGPE), delegada Martha Rocha, os casos mais graves são os de ameaça, quando a dificuldade de se conseguir provas pode deixar a mulher entregue à própria sorte. Pior, ao inimigo.

— Tivemos um caso em que, depois de fazer ameaças, o ex-companheiro passou a fazer terrorismo psicológico. Onde quer que a vítima fosse, ela encontrava o ex-companheiro. Ele chegava a passar todos os dias na porta do emprego dela. A solução que encontramos foi fazer várias incursões nos lugares onde ele estava, submetendo-o a revistas constantes, até que ele finalmente parou de segui-la — lembra a delegada Argélia Ruiz.

A certeza de que o problema vai além das fronteiras da casa ou mesmo do Estado levou representantes de 124 países a realizar uma campanha global pelos Direitos Humanos da Mulher.

— A violência contra a mulher não é um fator conjuntural, mas estrutural de uma sociedade patriarcal — afirma a socióloga Rose Marie Muraro.

Violência
Marco Antônio Teixeira



Maria da Conceição Félix, com a filha nos braços, sai da Deam-Centro onde foi dar queixa contra seu ex-marido